

---

BIBLIOTECA DE CLÁSICOS

---

## W. E. B. DU BOIS: MADE IN BRAZIL

Matheus Gato<sup>1</sup>  

Uma das principais novidades das ciências sociais nessas três primeiras décadas do século XXI é o reconhecimento de William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963) entre os autores clássicos e fundadores da sociologia como disciplina acadêmica.<sup>2</sup> Com efeito, em seus escritos encontramos contribuições pioneiras para estabelecer a investigação empírica e metodologicamente fundamentada em áreas de pesquisa como: a análise sociológica do espaço urbano, da religião, o estudo do crime e da violência, a sociologia rural e, seu trabalho de toda vida, a interpretação do lugar da raça na constituição do mundo moderno. Obras como *The Philadelphia Negro* (1899), *The Souls of Black Folk* (1903), *Darkwater* (1920), *Black Reconstruction* (1935) e *Dusk of Dawn* (1940), para citar alguns de seus trabalhos mais conhecidos, revelam sua enorme atualidade para um conjunto de questões que estão na ordem do dia: a persistência da segregação racial, os impasses do pós-abolição, a formação das identidades culturais, a literatura negra, os efeitos globais do colonialismo, imperialismo, capitalismo racial, pan-africanismo, branquitude, dentre outros problemas, temas e conceitos cada vez mais relevantes para a interpretação da realidade social brasileira.

Entretanto, o trabalho do sociólogo afro-americano ainda é praticamente desconhecido nos cursos de ciências sociais e humanas no Brasil, a despeito da relevância da questão racial no pensamento social brasileiro.

---

1 Professor do Departamento de Sociologia da Unicamp. Coordenador do Bitita: Núcleo de Estudos Carolina de Jesus. Coordenador e Pesquisador do Núcleo Afro-CEBRAP.

2 Saint-Arnoud, *African American Pioneers of Sociology: A Critical History*, Toronto: University of Toronto Press, 2009. Morris, Aldo, *The Scholar Denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*, Oakland: University of California Press, 2015; Earl Wright II. *The First American School of Sociology: W.E.B. Du Bois and the Atlanta Sociological Laboratory*, London and New York: Routledge, 2017.

Alguns elementos nos ajudam a compreender os impasses da recepção de Du Bois abaixo da linha do equador. Em primeiro lugar, a política de tradução do mercado editorial brasileiro, dado que a maior parte dos textos do autor estão em inglês e ainda é recente e vagaroso o crescimento da publicação de autores negros estrangeiros e brasileiros para além dos gêneros de ficção e da literatura infantil. Outra dificuldade é o caráter eurocêntrico dos currículos em ciências sociais e humanas no país, os quais descrevem a formação da teoria social centrados na história nacional de países como França, Alemanha e a Inglaterra, invisibilizando a existência de outros contextos de produção intelectual e seus agentes. Em terceiro lugar, a oclusão do lugar de Du Bois e outros pesquisadores negros da chamada “Escola de Atlanta” no desenvolvimento e institucionalização da sociologia como disciplina nos Estados Unidos. Assim, quando se debruçavam sobre o contexto norte-americano, nossos cursos de sociologia das relações raciais voltavam sua atenção para os trabalhos de Robert Park e seus discípulos da conhecida “Escola de Chicago”. Por fim, outro problema é a centralidade do conceito de raça ao longo de toda a obra de Du Bois, o que o colocava em franco desalinho com o anti racialismo dominante nas ciências sociais brasileiras durante toda a segunda metade do século vinte. No atual contexto de avanço da extrema direita em postos governamentais, tal posição tem sido expressa no renovado ataque à política de cotas e ações afirmativas para negros nas universidades públicas brasileiras.

O projeto de traduzir e publicar textos originais de W.E.B Du Bois a partir de atividades de ensino e pesquisa é uma contraposição a esse estado de coisas e se inscreve num amplo movimento cultural de pesquisa, ensino, edição e curadoria da obra política, científica e artística de intelectuais e pensadores negros nas universidades, museus, galerias, festivais literários, livrarias e outros espaços de intervenção pública.

**Figura 1**  
**Cartaz de Divulgação do V Congresso de Pesquisadores/as Negros/as (Goiânia-GO 29/07 a 01/08 de 2008). Concepção: Alex Ratts. Elaboração: Aleneos de Castro**



Fonte: V Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as.

Não há espaço para tratar adequadamente desse tema aqui, mas gostaria de chamar atenção para o fato de que as possibilidades de recepção e circulação cultural da obra de pensadores negros nacionais e estrangeiros, afora correntes de pensamento hoje cada vez mais influentes como o marxismo e o feminismo negros, as teorias pós-colonial e decolonial, ou mesmo conceitos como diáspora, interseccionalidade e modernismo negro, emergiram de espaços alternativos de legitimidade intelectual.<sup>3</sup>

Há cerca de 15 anos, quando aconteceu o V Congresso de Pesquisadores Negros, era difícil encontrar um só texto de Lélia Gonzalez, não havia nenhuma tradução para o português de Audre Lorde, debatia-se na

3 Sobre a noção de espaços alternativos de legitimidade intelectual ver: hooks, bell. "Intellectuals Negras", *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995, pp. 465-478.

universidade se era relevante ler Milton Santos como um intelectual negro ou não, as edições brasileiras do romances de James Baldwin na sua grande maioria estavam esgotadas e exigiam peregrinações pelos sebos à cata de um exemplar, nenhum livro da bell hooks existia em português, Guerreiro Ramos era ainda mais marginal do que hoje nos cursos de ciências sociais, a edição de *Pele Negra e Máscaras Branca* de Franz Fanon era canhestra e cheia de erros grosseiros, nem sabíamos que Beatriz Nascimento havia deixado, além dos ensaios seminais sobre os quilombos e a agência negra na história, diversos poemas e escritos de crítica artística e cultural. No caso de Du Bois, o único livro editado no país, com o título de *As Almas das Gentes Negras*, se encontrava fora de catálogo há muitos anos.

Esse conjunto de dificuldades revelava, entre outras coisas, a imbricação entre raça, canonização intelectual e formação de currículos acadêmicos a que esteve sujeita a geração de jovens universitários negros que, organizada em coletivos estudantis, cerrou fileiras pela popularização da universidade pública e em defesa da política de cotas e ações afirmativas na primeira década deste século. Talvez isso explique porque muitos de nós, tão logo uma posição acadêmica tornou-se possível, engajamo-nos em repensar a grade curricular de nossas áreas de ensino e pesquisa. Assim, pouco mais de um ano após ter ingressado como docente no Departamento de Sociologia da Unicamp, ainda em estágio probatório, ministrei, em conjunto com o pesquisador Silvio A. Mateus Santos, aquele que julgamos ser um dos primeiros cursos acadêmicos inteiramente dedicados à sociologia de Du Bois numa universidade brasileira, na disciplina de Teoria e Pensamento Social I, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp, no primeiro semestre de 2021.

O principal desafio de ministrar uma disciplina como essa é o fato de Du Bois poder ser classificado simultaneamente como um autor clássico da disciplina e, sob vários aspectos, um sociólogo contemporâneo. Clássico não apenas no sentido histórico de ter sido um intelectual negro praticante da sociologia no período de institucionalização universitária da disciplina, mas por ser um dos autores responsáveis por criar a forma

típica da explicação sociológica. Em sua contraposição à tese da inferioridade biológica dos povos negros difundidas pelo racismo científico e outras formas de determinismo que legitimavam a supremacia branca em diversas sociedades pós-escravistas nas Américas e a violência colonial na África e na Ásia, o autor defendeu que uma ação social só poderia ser compreendida pelo exame de outras ações sociais, sem o concurso de fatores psicológicos ou biológicos.

Neste sentido, Du Bois é um clássico, pois ajudou a construir o espaço epistemológico e o âmbito da validade das explicações em sociologia, entendida por ele como uma ciência voltada para a compreensão empírica da ação humana. Daí o enorme arrojo metodológico de suas investigações, que envolvem a combinação entre técnicas quantitativas e qualitativas de pesquisa, como a produção de estatísticas e croquis, surveys, observação participante e entrevistas, como nos dão mostras as análises do clássico *O Negro da Filadélfia* (1898).<sup>4</sup>

Mas noutra direção, o sociólogo afro-americano também é um teórico contemporâneo, dada a especificidade de sua compreensão sobre a formação e os conflitos que originaram a sociedade moderna. Isso pode ser notado pelo exame de uma de suas frases mais conhecidas e citadas: “o problema do século XX é o problema da linha de cor”. Essa frase de abertura do livro *As Almas do Povo Negro* (1903)<sup>5</sup> acena para uma compreensão diferente e original sobre a relação entre raça e modernização social, quando comparada aos clássicos europeus da sociologia. Autores que interpretaram esse processo como uma transição de “comunidade” para “sociedade” (Tönnies), do “feudalismo” para o “capitalismo” (Marx), das formas de “solidariedade mecânica” para “solidariedade orgânica” (Durkheim), do aumento dos “processos de societarização” em relação aos “processos de comunitarização” (Weber), nos quais novos critérios de diferenciação social tenderiam a desvalorizar marcadores sociais como

---

4 Edição brasileira: W.E.B. Du Bois, *O Negro da Filadélfia: um Estudo Social*, Belo Horizonte, Autêntica, 2023.

5 Edição brasileira: W.E.B. Du Bois, *As Almas do Povo Negro*, São Paulo, Veneta, 2021.

as classificações de cor. Mas em Du Bois a construção da modernidade é racializada e fenômenos como a escravidão africana, o colonialismo e o surgimento do capitalismo industrial estão historicamente interligados e exigem uma compreensão em escala mundial.

O engajamento e dedicação dos estudantes nos debates e leituras desses problemas era algo contagiante, visível no esforço por dominar nuances e entrelinhas de um texto difícil, em língua estrangeira, no contexto sufocante da pandemia de Covid-19. A riqueza de imagens e metáforas no trabalho do autor, o diálogo travado entre uma formulação teórica e um trecho de uma canção de escravos, o primor da forma-ensaio alinhada com o rigor acadêmico, a força poética impregnada na construção de conceitos como “véu” e “dupla consciência”, faziam transparecer aquele inconformismo de quem demorou muito tempo para conhecer algo que, no fundo, lhes pertencia por direito, a sensação de que algo importante para a sua própria experiência, formação e pensamento lhes havia sido roubado. Eles também se debateram contra o elitismo flagrante nos textos do autor sobre o perfil da liderança negra, a moral vitoriana quando o assunto era as mulheres e o comportamento feminino, e relutaram para atinar que Du Bois não possuía um vocabulário não essencialista à sua disposição, mesmo quando suas ideias iam na direção contrária ao engessamento da apreensão do real. A sociologia, definiu ele, é a ciência que investiga os limites do acaso na ação humana.<sup>6</sup>

O envolvimento de estudantes fez com que desejássemos que a disciplina fizesse parte do esforço ativo de recepção de Du Bois no Brasil. Assim, a proposta de trabalho de final de curso consistiu na tradução, de livre escolha, de um texto do autor que tivesse afinidade com suas pesquisas de mestrado e doutorado. As traduções deveriam ser precedidas por uma

---

6 A formulação completa é: “Olhando o mundo, vemos evidência do reinado da lei; se subirmos, no entanto, do físico para o humano, então aparecem não apenas complicações e interações entre forças, mas traços de força indeterminada até que no reino da ação humana superior nós alcancemos o acaso – isto é, ações indeterminadas e independentes das ações anteriores. O dever da ciência, então, é mensurar cuidadosamente os limites desse acaso na conduta humana”. W.E.B. Du Bois, “Sociology Hesitant”, *boundary 2*, v. 27, n. 3, 2000, pp. 37-44. p. 44, [↗](#).

introdução crítica. Assim, o “curso” se estendeu por bem mais do que um semestre, através de um conjunto de reuniões acerca das traduções dos textos, interpretação de trechos e frases, bem como debates animados sobre as mudanças no pensamento do autor no decorrer de sua longa vida. Parte significativa dessas traduções integram a presente edição da revista *Afro-Ásia*, na seção “Biblioteca dos Clássicos”, com o título “Du Bois Para Além do Soul”.

Essa experiência também foi o ponto de partida para a criação do “Projeto Du Bois” no Núcleo Afro-CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), cujo objetivo é fortalecer a pesquisa acadêmica e o diálogo formativo acerca do trabalho do sociólogo afro-americano no país por meio da organização de livros, vídeos, cursos, dossiês temáticos em revistas especializadas, revisões técnicas e traduções de sua obra em língua portuguesa. Tal concepção e organização do trabalho rompe com as barreiras que separam a pesquisa, o ensino e a extensão na prática universitária, concebendo produtos e resultados que implicam na relação dinâmica entre essas três importantes dimensões da vida acadêmica.

**Figura 2**

**Logotipo do Projeto do Du Bois, inspirado na tipografia e no conjunto de gráficos elaborados por Matheus Gato para o Laboratório de Sociologia da Universidade de Atlanta.<sup>7</sup> Concepção e Elaboração: Luiza de Carli**



Fonte: Afro-CEBRAP.

7 Whitney Battle-Baptist and Britt Rusert, *W. E. B. Du Bois's Data Portraits: Visualizing Black America*, Princeton: Architectural Press, 2018.

Uma das fases iniciais do projeto Du Bois consistiu na preparação de introduções críticas escritas por estudantes de pós-graduação para publicação, por meio de parceria entre o Núcleo Afro-CEBRAP e o Nexo Jornal, na seção de acesso gratuito dedicada ao acompanhamento de políticas públicas bem como à divulgação científica.<sup>8</sup> Tratava-se de um modo de combinar ensino, pesquisa e extensão, pois aquilo que havíamos aprendido juntos em sala de aula, e que fora amplamente sofisticado pelo trabalho de pesquisa de estudantes, iria romper os muros da universidade. Naqueles tempos nada distantes da pandemia de Covid-19, sob a direção autoritária de um governo de extrema-direita cujo discurso de negação da ciência, da transparência e abertura dos dados públicos, e mesmo da comprovada excelência da saúde pública brasileira, empilhava milhares de cadáveres a cada dia, era crucial que com o material que tínhamos em mãos, e dentro de nossas limitações, realizássemos ciência de portas abertas, atuando contra a campanha deliberada de desinformação e *fake news* sobre a realidade do ensino e da pesquisa nas universidades públicas brasileiras.

O trabalho de preparação dos textos para a publicação em conjunto com estudantes permitia um exercício pedagógico por vezes difícil de ensinar num curso de pós-graduação, mas que faz parte da formação de todo pesquisador: o aprendizado de que um texto é uma teia diálogos entre o escritor, o veículo de mídia que o difunde (livros, sites, jornais, revistas especializadas) e um determinado público alvo. E que a construção do que chamamos autoria intelectual é a orquestração dessas diferentes vozes (autor, editor, críticos, orientador, público) e os meios técnicos para expressar, no melhor dos casos, uma ideia original. Creio que os aborrecimentos com a redução do tamanho dos textos, os muitos pedidos e reclamos de adequação da linguagem, objetividade, precisão conceitual, afora a rara felicidade de ver que todo esse esforço de produção do conhecimento tornou-se público, lhes tenha comunicado algo sobre a prática do

---

8 Recentemente, a equipe do Nexo Políticas Públicas produziu índice próprio para as produções do Projeto Du Bois. [↗](#)

ofício intelectual. Essa experiência de trabalho também acabou moldando em mim um certo estilo de docência, pois quando entro em uma sala de aula, mesmo em cursos de graduação, sinto-me sempre diante de uma grande equipe em um laboratório de análise e pesquisa.

Essa questão do caráter eminentemente coletivo do trabalho intelectual no geral – e da produção científica, em particular – foi um aprendizado que se intensificou a partir das pesquisas e leituras dirigidas realizadas pela equipe do “Projeto Du Bois” com vistas à tradução e publicação do livro *A Igreja Negra* (1903), pela editora Recriar.<sup>9</sup> Embora a literatura especializada que aborda essa obra destaque exclusivamente o protagonismo do sociólogo afro-americano, chamou-nos a atenção que esse texto continha capítulos e seções inteiramente redigidos por outros pesquisadores ligados à Escola de Atlanta, como Kelly Miller<sup>10</sup> e Richard Robert Wright Jr.,<sup>11</sup> além da presença da socióloga Annie Marion MacLean.<sup>12</sup> A edição também incluiu a programação e as resoluções da “Oitava Conferência Sobre Problemas Negros”, organizado pelo Laboratório de Sociologia da Universidade de Atlanta, para o qual o livro fora preparado e incluiu excertos da preleções de importantes reformadores

---

9 Edição brasileira: W.E.B. Du Bois, *A igreja negra*, São Paulo: Recriar, 2024.

10 Kelly Miller (1863-1939) foi um importante matemático e sociólogo negro. Formado na Howard University, estudou ainda na Johns Hopkins University. Construiu, a princípio, sua carreira como professor de matemática, mas logo tornou-se um reconhecido sociólogo. Como sociólogo, colaborou com algumas pesquisas coordenadas por Du Bois. Por mais de uma década foi reitor em Howard. Escreveu artigos, ensaios e livros, principalmente sobre o tema da educação da população negra estadunidense.

11 Richard Robert Wright Jr. (1878-1967) foi um importante sociólogo e ministro religioso negro. Estudou na Universidade de Chicago, na Universidade de Leipzig e na Universidade da Pensilvânia. Nessa última instituição, em 1913, tornou-se a primeira pessoa negra a obter o diploma de doutorado em sociologia. Tornou-se ministro na Igreja Metodista Episcopal Africana, e por algumas décadas foi editor da publicação *The Christian Recorder*, uma importante revista afro-americana de vertente religiosa.

12 Annie Marion MacLean (1869-1934) foi a primeira mulher a receber um diploma de doutorado em sociologia nos Estados Unidos. Formou-se na Universidade de Chicago. É até hoje reconhecida por seus inovadores e instigantes estudos com mulheres trabalhadoras e imigrantes. Nesses trabalhos ela preconizava, de maneira distinta de seus contemporâneos, métodos de observação direta e participante.

sociais como Washington Gladden<sup>13</sup> e a célebre ativista negra Mary Church Terrell.<sup>14</sup>

Nesse sentido, não apenas o próprio texto era melhor compreendido como um arranjo polifônico e plural de vozes como também exigia maiores qualificações acerca do significado do teor reformista e engajado das premissas e conclusões do estudo. Tal enquadramento não revela apenas as ideologias e valores de pesquisadores envolvidos naquele empreendimento, mas que o espaço social aberto pelo ativismo reformador de fins do século XIX ofereceu algumas das condições sociais de possibilidade para a circulação das técnicas de pesquisa que começavam a dar forma ao campo das ciências sociais. Essa configuração tem nos ajudado a elaborar uma compreensão diferente daquela vigente no senso comum erudito sobre as relações entre a ciência e a política, segundo a qual esta última operaria invariavelmente como uma força necessariamente castradora do espírito científico de autonomia intelectual. Todavia, para alguns daqueles intelectuais, filhos e netos de pessoas escravizadas, a chamada “independência de espírito” exigia um espaço dialógico de contestação política que não encerrasse as potencialidades criativas do pensamento científico nas amarras da linha cor.

---

13 Washington Gladden (1836-1918) foi um importante líder religioso e político. Pastor da igreja Congregacional, Gladden professava uma crença em uma dimensão social da ética cristã. Nesse sentido, diferentemente de uma parte considerável dos demais pastores brancos, ele se opôs explicitamente à segregação racial. É até hoje considerado o “pai” do movimento conhecido como “Social Gospel”.

14 Mary Church Terrell (1863 - 1954) foi uma importante intelectual e ativista afro-americana. Uma das primeiras mulheres negras estadunidenses a construir uma carreira intelectual proeminente. Terrell foi professora, escreveu artigos e livros e participou de diversos movimentos sociais. Foi uma das fundadoras da NAACP. Liderou e coordenou mobilizações ligadas às condições das mulheres e da população negra.

**Figura 3**  
Pesquisadores do “Projeto do Du Bois”. Da direita para esquerda: Matheus Gato, Fabiana Sousa, Sara Antunes e Isaac Palma. (Unicamp, 14 de junho de 2023)



Fonte: Projeto Du Bois

Uma outra possibilidade inusitada de produção do conhecimento e ensino surgiu em meio à leitura e elaboração de notas para a primeira tradução em língua portuguesa de *Darkwater: vozes para além do véu*, preparado pela Fósforo Editora. A primeira coisa que saltava aos olhos era a centralidade da noção de véu no pensamento de Du Bois em fases muitas distintas de sua trajetória intelectual. Esse ponto é importante, pois a parca recepção do sociólogo afro-americano no Brasil está inextricavelmente ligada à publicação de *O Atlântico Negro: modernidade e dupla-consciência* (2001 [1993]), de Paul Gilroy.<sup>15</sup> Nessa obra clássica da teoria social contemporânea, há um capítulo inteiramente dedicado à vida e à obra de Du Bois e, conforme assinala o subtítulo do livro, o conceito de dupla-consciência organiza as suas principais teses. No entanto, a leitura coletiva sistemática dos livros de Du Bois, além da preparação de cursos, dessa vez para os alunos de graduação em ciências sociais na Unicamp, tornava patente o sumiço paulatino da ideia de dupla consciência, em paralelo à persistência da noção de véu.

Uma mudança que está ligada às transformações do conceito de raça no pensamento de Du Bois. A elaboração do problema da dupla consciência em Du Bois está inextricavelmente ligada à sua primeira formulação do conceito de raça nos textos datados do fim do século dezenove. Em *A Conservação das Raças* (1897), o autor afirma que os grupos raciais constituem “uma vasta família de seres humanos, geralmente de sangue e língua comuns, mas sempre de língua, tradições e impulsos comuns, que se esforçam em conjunto, voluntária e involuntariamente, pela realização de certos ideais de vida mais ou menos vivamente concebidos”.<sup>16</sup> Nesse sentido, as raças seriam definidas sobretudo pela história comum e a partilha de ideais de vida que deveriam orientar coletivamente a descoberta da mensagem cultural que seu *soul* havia de transmitir para a humanidade. Esse conceito está no centro da conhecida formulação que

---

15 Paul Gilroy, *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*, São Paulo: Editora 34, 2001.

16 W.E.B. Du Bois, “The Conservation of Races” in W.E.B. Du Bois, *Writings* (New York: The Library of America, 1986), pp. 815-826. p. 817.

veio à luz no artigo “Nossos Problemas Espirituais”, também publicado em 1897 e, mais tarde, incorporado como capítulo inicial de *As Almas do Povo Negro*:

É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte a encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente sua dualidade – é um norte-americano, duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais em disputa num corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para não se partir ao meio.<sup>17</sup>

No entanto, o autor que escreveu *Darkwater* dezessete anos depois de haver republicado essas palavras já havia passado pelos horrores da 1ª Guerra Mundial e refletido sobre as implicações raciais de seu caráter imperialista,<sup>18</sup> se enchido de esperanças com a Revolução Russa, vivido o surto de linchamentos raciais no chamado verão vermelho,<sup>19</sup> se aproximado das correntes socialistas e do pensamento de Marx, e acompanhado as mudanças nas ciências biológicas e da evolução da genética a partir da teoria mendeliana, era alguém que pensava cada vez mais na correlação entre os conflitos raciais e a organização do capitalismo moderno. A questão já não era como ser negro e norte-americano, de dupla-consciência, mas da exploração e opressão dos “mundos de cor” na África, na América e na Ásia. Desse modo, muitas são as vozes dentro do véu, cujo barulho emerge no avesso da ideia de humano.

---

17 W.E.B. Du Bois, *As Almas do Povo Negro*, São Paulo: Veneta, 2021. p. 23.

18 W.E.B. Du Bois, “The African Roots of War (1915)” in Adam Getachew and Jennifer Pitts (ed.), *W.E.B. Du Bois: International Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

19 O Verão Vermelho faz referência a um período de ataques sucessivos contra as populações negras de várias cidades dos Estados Unidos em 1919, e que estavam associados ao retorno de combatentes negros que atuaram pelas forças armadas do país na Primeira Guerra Mundial. Muitos desses oficiais foram condecorados pelas ações militares.

**Figura 4**  
Estudantes de Graduação do Período Noturno do Curso de Ciências Sociais da Unicamp -  
Curso Raça, Sociologia e Autoanálise em W. E. B. Du Bois. (IFCH, 14 de julho de 2022)



Fonte: Projeto Du Bois.

Os debates sobre questões dessa natureza junto à equipe do Projeto Du Bois e em sala de aula ratificaram o quanto era pobre o fato de a recepção do autor em língua portuguesa concentrar-se apenas no livro *As Almas do Povo Negro* (1903). Por um lado, não divisávamos alguns ensaios e pesquisas empíricas que organizavam as primeiras formulações do conceito de raça em Du Bois, bem como davam mostras de sua compreensão da sociologia enquanto uma ciência empírica da ação social. Por outro lado, ignorando-se as obras dos anos posteriores, perde-se o intelectual que revelou as amarras entre o progresso econômico e científico que deu luz ao mundo industrial das mercadorias e a carnificina escravista e colonial, bem como os modos pelos quais o conceito de vida plena é engolfado pela ideia de branco.

Com efeito, Du Bois foi um pioneiro na reflexão sobre *whiteness*. Utilizo a palavra no inglês para assinalar os impasses teóricos da tradução desse termo. Um excelente tradutor sugeriu, para partes importantes do texto de Du Bois em *Darkwater*, que pudéssemos usar o termo “brancura” ou “ideologia da brancura”. A sugestão pretendia aquilatar o modo como o termo provavelmente seria traduzido para o português no contexto dos anos 1920. O guia para essa solução possível era o poema de Mario de Andrade intitulado “Improviso do mal da América” (1928), contido na obra *Remate de Males* (1930), em que o eu lírico fala do “grito imperioso de brancura em mim”. Entretanto, nessa solução, o que ganhávamos em fidelidade histórica perdia-se em termos teóricos. Nós gostaríamos que o leitor fosse capaz de associar o trabalho de Du Bois às discussões contemporâneas sobre esse tema. Mas nesse ponto outro problema surgia: deveríamos traduzir *whiteness* como branquidade ou branquitude?

A sala de aula foi o laboratório para questões desse tipo, pois permitia ensinar que por entre diferenças sutis na nomenclatura de conceitos se passam diferenças de tradições teóricas e ênfases na construção de um determinado problema. “Branquitude” é o termo mais utilizado pelos pesquisadores brasileiros desse campo, que emergiu inicialmente na psicologia social. A palavra, clara oposição ao termo negritude, enfatiza o caráter organizado da dominação racial, no qual existe um “movimento”, “pactos”, “contratos”, conscientes ou não, para fazer persistir a supremacia branca. O foco recai sobre o trabalho ativo de manutenção da hierarquia racial, precisamente a dimensão do racismo que o mito da democracia racial brasileira tornava menos visível. Branquidade, termo mais comum quando se trata da tradução de pesquisadores norte-americanos na matéria, sublinha a força normativa da ideia de branco que passa a se instituir como espécie de ontologia social. Assim, ser branco é participar do que a sociedade regula como bom, belo e verdadeiro, de modo que a cor, paradoxalmente, deixa de existir, pois torna-se a própria fronteira da humanidade em si mesma e uma qualidade de valores considerados universais.

Para Du Bois, que testemunhou a construção política do regime do Jim Crown no último quartel do século dezenove, vivenciou a ascensão profissional de professores menos qualificados do que ele na Universidade da Pensilvânia, enquanto seu trabalho era desvalorizado, e lutou com os seus companheiros da NAACP (National Association for the Advancement of Colored People) contra o crescimento vertiginoso de linchamentos raciais nas duas primeiras décadas do século vinte, o “pacto da branquitude” não devia ser uma novidade. Mas o fato de que valores que ele mesmo prezava como caros, que suas próprias ideias de virtude e civilidade faziam parte de uma enorme clivagem epistemológica e pilhagem material, que inventava como universal um mundo que era apenas branco, foram tremendas descobertas. “Então a palavra certa é branquitude, professor?”, alguém me perguntou. Devo ter dito: “não existe palavra correta... só precisamos deixar claro para as pessoas, com este ou aquele termo, a força dessa descoberta intelectual”.

Nessas aulas para o curso noturno de ciências sociais me impressionava ver aquela turma lotada de estudantes, alguns deles vindos de um dia inteiro de trabalho, esforçando-se para compreender um texto em língua estrangeira, participando de longos debates que invariavelmente ultrapassavam as 22:00 horas. Eles desmentiam, a cada dia, toda essa glosa racista e preconceituosa acerca dos “desafios da docência” frente ao “novo perfil”, “mais popular”, dos alunos da universidade.

Ainda mais interessantes que as discussões de foro conceitual foram aquelas que envolviam o sentido das classificações raciais no texto de Du Bois, em especial porque as descrições autobiográficas do autor sobre sua trajetória desmentiam as oposições simplistas sobre o sistema de categorização racial nos Estados Unidos e no Brasil. O teor especular dessas oposições revela mais sobre o intercâmbio intelectual que existiu na decifração dos significados culturais de raça nesses dois países do que sobre a operação simbólica do racismo e suas transformações nesses dois contextos. Com efeito, nos textos de Du Bois, mais particularmente em *Dusk of Dawn*, destacava-se a relevância da cor como fator de hierarqui-

zação dentro e fora da comunidade negra, a descrição de seu pai como um mulato claro, o fato de seus colegas de Harvard acharem graça de alguém claro como ele se pensasse como uma autêntica liderança negra, o *passing*<sup>20</sup> racial que uma parte de sua família realizou e com a qual nunca mais teve contato, a descrição da humilhação racial em Berlim, quando tomava aulas com Heinrich von Treitschke: “‘Os mulatos’, tropejou ele, ‘são inferiores’. Quase senti os seus olhos fixarem-se em mim, embora, provavelmente, ele não tivesse reparado em mim”.<sup>21</sup> Essas passagens tinham enorme ressonância na turma, em meio aos debates sobre fraudes nos processos seletivos por cota racial, a questão do colorismo e as ambiguidades da posição social de pessoas categorizadas como pardas.

Nos escritos de Du Bois, a própria categoria *brown* gerou discussões produtivas para o ensino e a pesquisa. Alguns tradutores têm optado por traduzi-la simplesmente como “pardo”. Mas tal literalidade pode levar o leitor contemporâneo a ler nessa palavra uma identidade social similar aos pardos de hoje no Brasil, que constituem um sujeito de direitos que podem reivindicar políticas específicas quando classificados pelo estado como parte para população negra. Mas o *brown* no uso de Du Bois é uma classificação de cor que possui, inicialmente, duas conotações diferentes, a de pessoas “mestiças” (“with some withe bood”) e a de descendentes de africanos de pele clara. Ele utiliza ainda a classificação *yellow* para pessoas classificadas dentro da população negra, mas em cuja aparência prevalecem características associadas à ascendência europeia – nos termos acima, “mais sangue branco”. Para complicar um pouquinho mais, o autor também usa a categoria *brown* quando pretende descrever

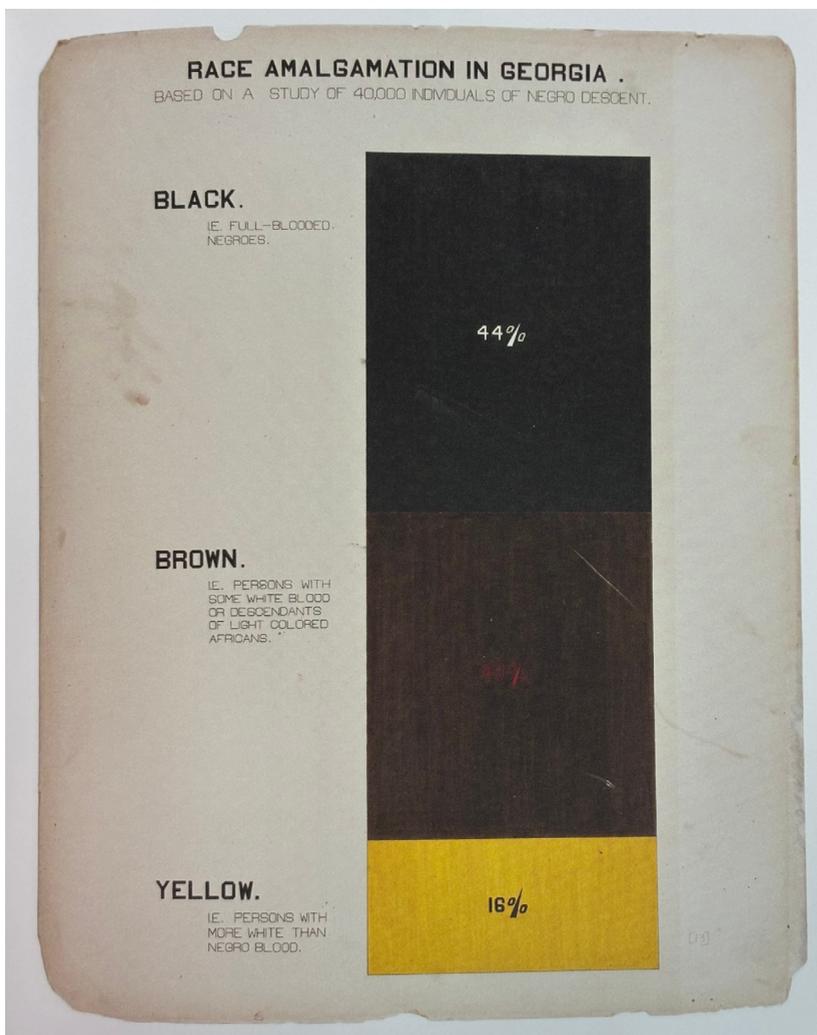
---

20 Em seu livro *Dusk of Dawn*, Du Bois constrói um amplo relato de sua genealogia familiar com o objetivo de discutir e repensar o conceito de raça. Nessa narrativa, Du Bois apresenta as ambiguidades raciais, que em outro momento havia tomado como naturais. Entre os aspectos evocados pelo autor, ele relata o caso de sua tia avó paterna, Augusta, que era filha de um outro casamento do avô Alexander Du Bois. Ela havia casado com um “mulato claro” e passado algumas gerações, esse ramo da família desconhecia sua ascendência negra. W. E. B. Du Bois, *Dusk of Dawn*, Oxford: Oxford University Press, 2014.

21 W.E.B. Du Bois, *Dusk of Dawn*, p. 50.

a racialização de povos indianos. Essas classificações mostram a complexidade da relação entre categorias de cor, mestiçagem e a diferenciação da gente negra no contexto pesquisado por Du Bois.

**Figura 5**  
Gráfico elaborado por Du Bois para a pesquisa *Negro Georgia: a social study*



Fonte: Whitney Battle-Baptist and Britt Rusert, *W.E.B. Du Bois's Data Portraits: Visualizing Black America*, Princeton: Architectural Press, 2018.

Como fazer com que o leitor não tome esses diferentes “browns” descritos por Du Bois pelo pardo brasileiro de hoje, mesmo que também possamos chamá-los, em certas circunstâncias, de um “mano brown”? “Pessoa de cor parda” quando ele se refere aos norte-americanos? “Marrom” para os indianos? Para além dessas tomadas de decisão técnicas e editoriais, ainda inconclusas, vale a pena dizer que os problemas de tradução se constituíram como um espaço de reflexão sobre a lógica das classificações simbólicas e, outra vez mais, sobre os limites arbitrários entre ensino, pesquisa e extensão universitária, os quais simplesmente não faziam sentido para o processo de trabalho por nós desenvolvido.

Nessa linha específica de trabalho sobre traduções desenvolvida no “Projeto de Du Bois”, um dos nossos maiores desafios tem sido os títulos. *Darkwater* é um neologismo que simplesmente não funciona em português. “Água Escura” não transmite a fusão de claro no escuro que Du Bois consegue operar em seu próprio idioma. Problema semelhante se apresentou com *Dusk of Dawn*, outro título em que o autor retoma as imagens de luz e sombra que lhe são tão caras como figurações de uma modernidade racializada. “Penumbra do Amanhecer” ou “Penumbra da Aurora”? Duas propostas que parecem sinônimas, não divergem de um ponto de vista literal e expressam o jogo de claro e escuro pretendido pelo autor. Entretanto, a palavra “aurora”, em português, tem uma história de usos sociais como metáfora dos “novos tempos”, da “liberdade”, da “esperança”, da “abolição do cativeiro”, da “democracia”, do “progresso” que vale a pena acionar no campo imaginário do leitor. Du Bois, assim, se torna mais nosso, sem que sua distância histórica e cultural se torne opaca, como se pudéssemos sempre distinguir o som da letra “z” quando ouvíssemos um estrangeiro anglófono pronunciar, mesmo com alguma familiaridade, a palavra Brasil.

Por último, vale a pena dizer que esse conjunto de iniciativas em torno da obra de Du Bois, mais do que um esforço de recepção de um autor, tal como surgiu, transformou-se em um espaço de experimentação sobre as possibilidades de combinar a docência com a pesquisa, utilizar os

meios de comunicação adequados como forma de extensão universitária, de formação de pesquisadores e pode apresentar uma possibilidade alternativa de fazer científico para diversas áreas do conhecimento. No campo específico das ciências sociais, trata-se de aproveitar as oportunidades abertas pela luta social, ainda sem qualquer desfecho, em prol de uma universidade mais diversa e popular, de modo que as práticas de ensino e pesquisa sejam capazes de problematizar as hierarquias que conformam a canonização disciplinar e possam, enfim, fazer jus às suas pretensões de rigor e excelência acadêmica.

doi: 10.9771/aa.v0i69.63483